

# Texto, contexto e leitura na perspectiva de Pauliukonis: base para a referenciação multimodal em charges de Miguel Paiva

Beatriz Feres<sup>1</sup> Fabio André Cardoso Coelho<sup>1</sup> <sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil

Emails: fabiocoelho1976@gmail.com; beatrizferes@id.uff.br

## RESUMO

Este artigo pretende elencar alguns pressupostos acerca da relação entre os conceitos de *texto*, *contexto* e *leitura* explorados por Pauliukonis (2013; 2016; 2017 entre outros) em sua trajetória científica, não só a fim de salientar sua preocupação com o ensino de Língua Portuguesa na educação básica – mais especificamente, com as estratégias de interpretação de textos na formação do usuário da língua –, como também evidenciar a profícua interface entre Linguística de Texto (Antunes, 2003; Azeredo, 2018; Koch; Elias, 2018; Cavalcante, 2022; Coelho, 2023 e outros) e Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2008, 2019; Feres, 2021 e outros) nas investigações realizadas pela linguista. Com base nos pressupostos de Pauliukonis, será problematizado o processo de *referenciação* (Mondada; Dubois, 2003) acionado na e pela *multimodalidade* (Kress, 2010) constitutiva dos textos na leitura de *posts* do Instagram centrados em charges de Miguel Paiva. Por meio de análise qualitativa, é possível perceber, nas peças, a construção de objetos de discurso pela semiose verbo-visual, tendo, portanto, as imagens, poder significativo-discursivo tal e qual o signo verbal.

### Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

### Editores Associados

Leonor Werneck dos Santos  
Dennis Castanheira  
Amanda Heiderich Marchon

Recebido: 11/04/2025

Aceito: 02/06/2025

### Como citar:

FERES, Beatriz; COELHO, Fabio André Cardoso. Texto, contexto e leitura na perspectiva de Pauliukonis: base para a referenciação multimodal em charges de Miguel Paiva. *Revista Diadorim*, v.27, n.1, e67898, 2025. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n1a67898>

## PALAVRAS-CHAVE

Texto; Contexto; Leitura; Referenciação multimodal; Pauliukonis.

## ABSTRACT

This article aims to list some assumptions about the relationship between the concepts of text, context and reading explored by Pauliukonis (2013; 2016; 2017, among others) in her scientific trajectory, not only in order to highlight her concern with the teaching of Portuguese language in basic education - more specifically, with text interpretation strategies in the training of language users - but also to highlight the productive interface between Text Linguistics (Antunes, 2003; Azeredo, 2018; Koch; Elias, 2018; Cavalcante, 2022; Coelho, 2023 and others) and Semiolinguistic Discourse Analysis Theory (Charaudeau, 2008, 2019; Feres, 2021 and others) in the research carried out by the linguist. Based on Pauliukonis' assumptions, the referencing process (Mondada; Dubois, 2003) triggered in and by the multimodality (Kress, 2010) constitutive of texts will be problematized in the reading of Instagram posts centered on cartoons by Miguel Paiva. By means of qualitative analysis, it is possible to perceive the construction of discourse objects in the pieces through verb-visual semiosis, with the images having significant discursive power just like the verbal sign.

## KEYWORDS

Text; Context; Reading; Multimodal referencing; Pauliukonis.

## Os sentidos inspirados por Aparecida Pauliukonis

Este artigo tem como objetivo maior salientar a relevância da Professora Maria Aparecida Lino Pauliukonis como pesquisadora de referência na Linguística brasileira, responsável pela abertura de várias frentes de investigação. Ao lado de Ida Lúcia Machado e Rosane Monnerat, é uma das pioneiras, no Brasil, no emprego da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, postulada por Patrick Charaudeau (seu supervisor de pós-doutoramento), em pesquisas com forte ligação com o ensino de Língua Portuguesa. Ela ocupa também lugar de destaque na área de Linguística do Texto ao lado de Luiz Antônio Marcuschi, Ingedore Koch, Mônica Cavalcante, entre outros nomes de mesmo relevo.

Entre outros interesses de pesquisa, incrédula do caráter falsamente “intuitivo” atribuído à competência leitora, a professora Aparecida tem contribuído com a fundamentação teórico-metodológica para o ensino de *leitura*, publicando diversos trabalhos e orientando pesquisas que representam sua sólida e vasta produção científica, colaborando enormemente para a área da Linguística.

Desse modo, considerando-se o limite de um texto no molde em que este artigo se encaixa, selecionamos um aspecto do percurso investigativo desenvolvido pela linguista como eixo dessa homenagem: com base na relação entre as noções de *texto* e *contexto* como exploradas por ela (em diálogo com outros pesquisadores), destacaremos estratégias de *leitura* vinculadas à *referenciação* e à *multimodalidade*, necessárias para a construção de sentido textual.

Outro objetivo deste trabalho se resume em tratar de alguns conceitos colhidos na obra de Pauliukonis (2013, 2016, 2017) e, tendo esses pressupostos teóricos como fundamento, explorar a *referenciação multimodal* em textos verbo-visuais – aqui representados por *posts* do perfil do cartunista Miguel Paiva no Instagram relativos a duas de suas charges (publicadas em 12 de fevereiro e 6 de março de 2025) –, a fim de revelar a importância da vinculação entre texto e contexto, entre língua e discurso, entre palavra e imagem na construção de sentidos. A seleção do *corpus*, potencialmente interessante para aulas de leitura no Ensino Básico, se deve não só à identificação desta reflexão às da pesquisadora aqui homenageada, mas também às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o trabalho com o texto na escola, ao apregoar

a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Afinados com a BNCC e com a perspectiva enunciativo-discursiva, que tem sido a tônica da obra de Pauliukonis, em uma primeira seção, destacaremos o tratamento dado por ela às noções de *texto* e de *contexto*, no limiar entre as abordagens propostas pela Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (TSAD) e pela Linguística de Texto (LT). Para tal intento, serão convocadas as vozes de outros pesquisadores da área de Linguagens com as quais sua perspectiva se identifica.

Em outra seção, alguns pressupostos oriundos dessa fronteira entre TSAD e LT, explorados pela linguista na investigação sobre *leitura*, ganharão destaque para sustentar as análises dos *posts* mencionados e problematizar a *referenciação multimodal* (como ato de introduzir e retomar *objetos de discurso* nos textos) na materialidade verbo-visual, demonstrando como a palavra e a imagem podem integrar o conjunto textual, evocando sentidos “abertos” (“literais”) e “específicos” (orientados discursivamente).

Por fim, mostra-se necessário dizer que, além dos sentidos programados na/pela textualização, há também o sentido afetivo, que pode estar implícito nos textos, mas que também pode ser explicitamente veiculado, como a admiração que guardamos pela professora Aparecida e por sua obra sempre consistente, relevante e essencial para a formação de pesquisadores e de professores mais preparados para a mediação leitora.

## Texto e contexto – diálogos

Muitas pesquisas em Linguística Textual e Análise do Discurso, ao longo dos anos, contribuíram para que a noção de *texto* avançasse e mudasse seu foco, ampliando visões e determinando os percursos teórico-analíticos de cada autor-pesquisador. Pauliukonis (2013) nos aponta o grande desafio que enfrentamos na articulação do conhecimento gramatical com a leitura e a produção de textos visando à competência textual e discursiva dos nossos alunos. Esse sempre foi um obstáculo a ser ultrapassado pelos docentes de Língua Portuguesa, demonstrando uma das fragilidades no ensino linguístico. A busca pela escolha do conteúdo e a metodologia mais apropriada para ensinar leitura, interpretação e produção textual são preocupações apontadas pela linguista em diversos momentos da sua trajetória acadêmica e reveladas em vários textos de sua autoria.

Defende ela (Pauliukonis, 2013, p. 242-243): “Em vez da prática de se buscar primeiro o significado, *o quê*, finalidade maior do ensino escolar ainda hoje, talvez se deva partir para o enfoque e a análise do modo *como* o texto foi produzido”. É tratar de dar atenção para os efeitos de sentido, tomando por base as operações e estratégias linguísticas acionadas na construção de sentido. Uma contribuição dada pela autora e que consideramos importante diz respeito ao entrelaçamento de gramática e texto no momento em que o leitor analisa o material significativo, percebendo as operações e/ou estratégias produtoras de sentido. Como a autora destaca: “em vez de se procurar o que o texto diz, procurar analisar *como o texto diz e por que diz o que diz* de um determinado modo”. Essa proposta revela um trabalho analítico mais investigativo, possibilitando situações de leituras em que experiências, expectativas e interesses se intercomunicam. Como Azeredo (2018, p. 41) aponta, há uma espécie de “negociação dialética entre autor e leitor”, o que nos faculta dizer que “os sentidos não dependem apenas daquilo que a pessoa fala ou escreve, quer ou tem a dizer”, mas também daquilo que o ouvinte ou leitor entende em função do universo referencial e discursivo que partilha com o produtor.

Ao tratar da relação entre *texto* e *contexto*, Pauliukonis (2013, p. 239) traz-nos uma questão que é fundamental para a análise aqui proposta: “uma nova concepção de texto como atividade intersubjetiva e argumentativa”. Incluem-se, desse modo, na construção de sentido textual, não só os sujeitos interagentes, mas também sua bagagem experiencial e a intencionalidade impregnada em seu discurso. Nesse sentido, a autora considera o *texto* como “um evento em situação dialógica, em que se manifestam elementos linguísticos e extralinguísticos, codificados pela gramática e realizados de acordo com um ‘contrato comunicativo’ vigente para os diversos gêneros textuais”. Em outras palavras, sua perspectiva aponta, inicialmente, com relevância, para as ações dos sujeitos na constituição/construção do texto, pontuando uma defesa discursiva ou o convencimento subjacente a todo texto.

Além disso, é retomada a ideia de *texto* como um acontecimento único, irrepetível, autêntico. A gramática ganha destaque, evidenciando a importância de se respeitar a estrutura da língua nos processos comunicativos, e o texto terá sua realização interacional por meio de um contrato de comunicação (postulado da Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau) para a criação e desenvolvimento dos variados gêneros textuais. A fronteira-integração entre Linguística de Texto e Análise do Discurso é, com essa perspectiva, consolidada:

Dessa forma, há de se ressaltar que, nos atuais estudos de texto, não se considera essencial a separação entre texto e discurso, antes ambos devem ser tratados como complementares, pois, no dizer de Jean Michel Adam (2008), embora a Linguística do Texto e a Análise do Discurso tenham surgido e se desenvolvido de forma autônoma, atualmente novas bases tornam possível articular uma LTXT desvincilhada das gramáticas textuais e uma AD emancipada da corrente francesa. É possível postular, segundo o Autor, “uma complementaridade das tarefas da LTXT e da AD, definindo-se a primeira como um subdomínio mais vasto das práticas discursivas” (idem, *ibidem* p. 43) (Pauliukonis *et al.*, 2019, p. 135).

Outra questão importante ressaltada por Pauliukonis (2013) é a necessidade de abandonarmos a noção de *texto* como produto, algo acabado, para que tenhamos um ensino mais produtivo de interpretação e produção de textos. Antunes (2003) também chama atenção para esse tópico, afirmando que a escrita se revela num processo de interação entre dois ou mais sujeitos, tornando possível a exposição do conhecimento, da cultura e das ideias que as pessoas partilham em forma de textos, e Coelho (2023, p. 59) retoma “a ideia de texto como processo, como algo que não tem limites, inacabado, assim como papel dos leitores (coautores) na interação com o texto e na tarefa de contribuir com seus conhecimentos e inferências”. Para isso, é necessário que as ideias sejam bem estruturadas, organizadas e desenvolvidas, para que tenhamos uma produtividade comunicativa. Para isso, a busca pelo conhecimento, pelo desenvolvimento das sensações e pela percepção das coisas no mundo são tarefas necessárias nesse processo. Antunes (2003) ainda pondera que, no ato da escrita, sempre se escreve para alguém, pensando em quem é esse interlocutor e com algum propósito comunicativo. Além disso, o que vai ser comunicado e como se dará esse registro devem levar em consideração a adequação ao público-alvo, o leitor.

Nesse movimento engendrado por Antunes (2003), Pauliukonis (2013) e Azeredo (2018), entendemos que os textos são mais do que meros arranjos vocabulares; são artefatos linguísticos, construídos por meio de palavras (e outros “modos”) que vão além de sua materialidade e exercem funções sociais no imenso e intrincado processo das interações humanas.

De uma forma organizada e sistemática, Azeredo (2018) também nos oferece uma visão que se coaduna com o que trazemos de Pauliukonis (2013) e Antunes (2003), ao apontar que os textos

não são meros instrumentos, mas partes essenciais dos acontecimentos que dinamizam as relações sociais e fazem a história das sociedades, a própria face do relacionamento humano. Como veremos mais à frente, há uma íntima integração entre as funções sociocomunicativas dos textos e a respectiva formatação (gênero, modo de organização, registro, vocabulário, gramática). E mesmo a eventual supressão do discurso – o silêncio – não constitui sua negação, mas uma de suas expressões (Azeredo, 2018, p. 40-41).

E é isso que tentaremos evidenciar, mais à frente, nas nossas análises, expondo que os temas, os conteúdos e as informações tratados nos textos notabilizam uma interlocução marcada nas trocas verbais. Azeredo (2018) resgata o postulado utilizado e difundido por Pauliukonis em seus textos: o contrato de comunicação. O autor afirma que o valor interlocutivo é conferido nas interações/transações verbais pelo contrato de comunicação que se refere,

em última análise, a um acordo, não necessariamente consciente, entre os interlocutores sobre cinco pontos: (a) os respectivos papéis sociointerativos; (b) as estratégias comunicativas a serem empregadas; (c) os conteúdos oportunos; (d) a variedade de língua utilizada; (e) as formas de discurso (tipos, gêneros e modos de organização) pertinentes (Azeredo, 2018, p. 42).

Por fim, é o contrato estabelecido entre os interagentes em uma troca específica que orienta os textos quanto a sua elaboração e a sua aplicação, atribuindo o *status* devido. Nesse sentido, Pauliukonis (2006, p. 118), em “Estratégias argumentativas no discurso publicitário” – e em vários momentos de sua trajetória acadêmica – declara, tomando como base a Teoria Semiolinguística do Discurso, que “o ato de linguagem é uma encenação na qual os participantes interagem sobredeterminados por um *contrato comunicativo*, que pressupõe a obediência a princípios implícitos construídos socialmente e partilhados pelos interlocutores”. A autora trata das dimensões externa e interna do texto de acordo com o contrato, caracterizando os seres sociais (sujeito comunicante e sujeito interpretante), além de descrever também os seres do discurso (sujeito destinatário e o sujeito enunciador). Nesse trabalho, ela anuncia que

a Teoria Semiolinguística, ao definir, portanto, o ato comunicativo como encenação, ou uma *mise-en-scène*, enfatiza a atuação dos atores sobredeterminados por um “contrato comunicativo” que prevê regras específicas tanto para os usos linguísticos, quanto para sua interpretação; da obediência e do cumprimento do contrato resultará o sucesso da interação (Pauliukonis, 2006, p. 119).

Entendemos, assim, que os sujeitos necessitam obedecer às partes constituintes do contrato, com o objetivo de o discurso cumprir sua função pretendida. É, na verdade, um conjunto de estratégias posto à disposição para o efetivo acontecimento textual-discursivo. Para o entendimento do que vem a ser “estratégia”, a autora nos oferece uma clara explicação que nos esclarece sobre a “linguagem da interpretação do texto” (Pauliukonis, 2013, p. 244). Segundo ela, “examinar estratégias discursivas é analisar os caminhos de que se valeu o autor para melhor se aproximar de seus leitores e conseguir a adesão dos espíritos ao que ele se propõe”. Se todo texto tem uma função, os gêneros textuais e os meios linguísticos serão devidamente selecionados, a partir de todo o aparato comunicativo, para que o processo de leitura aconteça de forma produtiva: interpretar um texto “é mobilizar um conjunto diversificado de competências (linguísticas, semântico-pragmáticas e situacionais) para percorrer, de modo coerente, uma superfície discursiva orientada de um emissor para um receptor, temporalmente, e que constitui o texto”.

Nesse sentido, por meio da análise das estratégias, conseguimos perceber a importância da compreensão dos processos cognitivos que os sujeitos leitores utilizam para interpretar os textos. Essas e outras questões são levantadas por Pauliukonis (2013), no que diz respeito ao texto e suas estratégias, mas um apontamento feito por ela nos chama atenção. Ao indagar “O que significa dar prioridade a um ensino produtivo de texto?”, a professora arremata:

Para responder a essa questão, é preciso considerar prioritariamente que toda linguagem é uma forma de interação; que todo texto é um conjunto de marcas, de pistas que funcionam como instruções para o restabelecimento dos efeitos de sentido da interação social e que o domínio e a compreensão das técnicas de linguagem exigem uma forma de reflexão sobre o fenômeno complexo da textualidade (Pauliukonis, 2013, p. 245).

Por meio dessas palavras, percebemos quão importante é o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e o estímulo de um ensino de língua materna voltado para a aquisição de novas habilidades comunicativas, como também já aponta Travaglia (1996). É tratar de redimensionar o ensino de texto buscando um percurso metodológico crítico e reflexivo.

Quanto ao *contexto*, Pauliukonis (2013) aborda essa noção tendo em vista suas vertentes sócio-histórica e interacional. Para ela, parte da interpretação e da expressão está baseada nos arranjos linguísticos; a outra parte está associada ao contexto sócio-histórico em que aquilo foi realizado. Entendemos que o “acontecimento” do texto revela uma importância significativa para a compreensão do que se quer expressar. Mais do que isso, a autora destaca as condições de produção em que se deu o texto, o reconhecimento do autor (transmutado discursivamente em enunciador) e o conhecimento de que, ao escrevermos, temos determinadas intenções que são evidenciadas por meio do exame das operações linguístico-discursivas utilizadas. A autora segue as palavras de Maingueneau (1996, p. 43) no tocante ao discurso, por ele definido como a própria “atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”. Isso significa que três elementos estão aí imbricados: contexto, intenção e interação.

Também quanto ao acontecimento textual, é possível mencionar que, ao tratar da relação entre o contexto e o contrato de comunicação, Azeredo (2018, p. 42) diz o seguinte – já preocupado com o caráter multimodal dos eventos comunicativos: “Construir e atribuir sentido é a síntese do processo que chamamos de ‘interação humana’ e que codificamos em sinais de toda espécie, como gestos, desenhos, cores, sons, palavras”. E em tudo isso estão compreendidos fatores de ordem afetiva, socio-cultural, psicossocial, histórica e ideológica. Percebemos que Pauliukonis (2013) semeia ideias que serão, de certa forma, ecoadas por Azeredo (2018), pois, no que diz respeito à comunicação entre as pessoas, o autor afirma que ela “se processa sempre num contexto sociocomunicativo, e ele não se resume ao cenário físico e social objetivo, mas corresponde, principalmente, ao condicionamento mental ou psicológico que nos predispõe ao comportamento discursivo adequado e pertinente” (Azeredo, 2018, p. 42). É entender que fatores subjetivos estão envolvidos nesse processo contextual e que a imagem dos interlocutores é fator decisivo para que os papéis sociais sejam compreendidos pelos atores do evento comunicativo.

Ainda sobre *contexto*, Pauliukonis (2013, p. 246) traz-nos a questão de o discurso ser a configuração de uma intencionalidade comunicativa e, nessa perspectiva, a interpretação do sujeito leitor se encarrega de encontrar a intencionalidade do autor, tomando por base aquilo que está sendo dito, contado, lido e o conhecimento de mundo, sendo possível, como diz a autora, “estabelecer várias coerências em níveis linguísticos e pragmáticos”. Sobre esse mesmo tema, Koch e Elias (2018, p. 23) discorrem sobre o quanto construir sentidos envolve os conhecimentos em diversas tarefas textuais: “para a identificação e caracterização do referente, para tecer comparações, para tomar decisões, para não ficarmos apenas na linearidade do texto, enfim”.



Para as autoras, a materialidade linguística e os conhecimentos armazenados abrangem o contexto e esse será fundamental para que os sentidos sejam construídos de forma situada. Elas também destacam a contribuição de Dascal (1999) sobre o homem ser um caçador de sentidos e resgatam o pensamento de Beaugrande (1997), ao dizerem que “o texto é texto quando o vemos como tal: uma construção que envolve muitos e variados conhecimentos e cujo sentido tentamos sempre produzir, considerando esses conhecimentos todos que lhe são constitutivos” (Koch; Elias, 2018, p. 23). Isso nos certifica de que quanto mais conhecimentos tivermos, mais sentidos poderemos produzir.

Nessa mesma direção, ao relacionar *texto*, *coerência*, *contexto* e *discurso*, Cavalcante *et al.* (2022, p. 15) estabelecem que “o tratamento analítico de um texto, para a linguística textual, pressupõe a integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua coerência em contexto”. Vamos mais além e consideramos a noção de *texto em contexto* (Adam, 2019; Cavalcante *et al.*, 2022). É tratar o texto como um acontecimento e suas condições históricas, sociais, o contexto *per se*, momento em que os sujeitos envolvidos na interação realizam as escolhas significativas para produzirem sentido naquilo que quer comunicar. Temos, assim, a unidade de sentido em contexto. A passagem de Koch (2005, p. 6) sobre a integração do texto com o contexto como “um lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente as significações, o árbitro das tensões entre sistematicidade e indeterminações do dizer e do mostrar, do dito e do implicado” se associa ao pensamento de Cavalcante *et al.* (2022) e reitera o que Pauliukonis (2013, p. 247) trata, ao afirmar que todos os sentidos (“literal” e figurado) “exigem um contexto específico, pois o *significado atualizado* só existe por estar de acordo com a intenção dos interlocutores em determinada situação”.

Compreendemos, assim, a importância das bases contextuais na decodificação dos sentidos, nos processos linguísticos que envolvem as estratégias discursivas presentes na construção dos gêneros textuais, que são resgatadas na interpretação e na produção dos textos. É nos variados contextos que as redes colaborativas acontecem entre os interlocutores de um evento sociocomunicativo (Coelho, 2023) e, em suma, “cabe ao professor estimular o aluno a reconhecer os sentidos do texto, por meio da ativação dos conhecimentos e das estratégias cognitivas do aprendiz, objetivando a interpretação e a compreensão textual” (Coelho, 2023, p. 65). Eis uma das grandes tarefas daquele que se dedica a trabalhar/a ensinar com textos e a lê-los, observando os múltiplos sentidos que podem ser percebidos, descobertos e explorados.

## Semiotização multimodal e leitura

Após as considerações acerca da relação entre *texto* e *contexto*, já imersa em um *pressuposto discursivo* que perpassa as investigações de Pauliukonis, avançaremos para outros pressupostos correlatos, a fim de problematizar a *referenciação* em uma textualização essencialmente *multimodal*.

Como visto, para Aparecida Pauliukonis, o trabalho com o *texto* – seja na leitura, seja na produção – só será consistente se o material linguageiro que conforma sua superfície for relacionado à situação comunicativa que o cerca. Esse *pressuposto discursivo*, fincado na TSAD postulada por Charaudeau (2008), está vinculado às rotinas enunciativas reconhecidas pela coletividade. Afirmar a linguista: “O processo de discursivização corresponde a um conjunto de operações linguísticas capazes de transformar a língua em discurso; elas permitem a passagem do *significado* (sentido genérico da língua) para a *significação* (sentido específico do discurso)” (Pauliukonis, 2013, p. 248). Em outras palavras, ainda que um leitor ou um produtor de textos conheça bem o significado “comum” de uma expressão, somente quando considerada sua relação não somente com outras expressões da superfície textual, mas também com dados externos ao texto, é que o *sentido de discurso* poderá ser integralizado (Charaudeau, 2019).

Esse pressuposto está presente em outros artigos e capítulos produzidos por Pauliukonis e ratifica a proximidade de vários parâmetros investigativos comuns entre Linguística de Texto e Semiologia, como se observa em “A enunciação enunciativa: reflexões sobre o diálogo entre Linguística do Texto e Semiologia do Discurso” (Pauliukonis *et al.*, 2019):

A discussão proposta neste artigo centraliza-se na noção de “enunciação enunciativa”, isto é, parte da pressuposição de que a materialidade textual é produzida sob influência tanto do contexto linguístico-discursivo partilhado entre os interagentes, quanto da situação social mais específica em que se engendra a comunicação. Essa noção, explorada pela Teoria Semiologia do Discurso, ecoa em diversos parâmetros também defendidos pela Linguística Textual, sobretudo no que concerne à concepção de texto como produção discursiva, operada por sujeitos sociais, cuja forma é regida pela intencionalidade desses sujeitos (Pauliukonis *et al.*, 2019, p. 1).

No artigo, a noção denominada “enunciação enunciativa” corresponde ao caráter discursivo dado à construção de sentidos no texto, instruída pelo contexto. Aplicada na análise de memes naquele artigo, considera a relação *contratual* entre os interagentes de uma troca comunicativa como responsável pelo balanceamento de restrições e estratégias em cada *ato de linguagem* que, por isso, é moldado de acordo com a intencionalidade dos sujeitos falantes e depende da identidade desses parceiros.

Em uma das análises propostas, demonstra-se a passagem de um *sentido de língua* a um *sentido de discurso*, submetendo a interpretação do texto às direções fornecidas pelo contexto: em um primeiro olhar para a materialidade verbo-visual do meme, reconhecem-se as figuras ali retratadas e as palavras em seu significado mais comum, ainda “aberto” (*sentido de língua*); a partir de “pistas”, de indícios de dados externos ao texto, dependentes do conhecimento de mundo partilhado entre os interagentes e evocados pelo arranjo dos signos que compõem essa materialidade, alcança-se a intencionalidade do produtor da mensagem e o sentido provocado por aquele determinado arranjo textual (*sentido de discurso*). Vale frisar que o *pressuposto discursivo* para a construção do sentido de um texto se ancora, na análise de gêneros de composição verbo-visual como o meme e a charge, também nas expressões imagéticas que os compõem.

Dito isso, retoma-se o objetivo deste trabalho, avaliando como esse *pressuposto discursivo* sustenta a interpretação do *post* relacionado à charge a seguir (FIGURA 1), publicado por Miguel Paiva na rede social Instagram em 12 de fevereiro de 2025. Observa-se a relevância de indicar a data da publicação em virtude do forte vínculo das charges (e grande parte dos memes) com a historicidade imediata saliente na ocasião em que são criadas.



**Fig. 1.** Charge “Estado de guerra”

**Fonte:** Perfil do Instagram do cartunista Miguel Paiva (Disponível em [https://www.instagram.com/p/DF\\_Lt3IJqv8/](https://www.instagram.com/p/DF_Lt3IJqv8/) Acesso em 14 mar 2025)

Ocupa todo o espaço da charge a imagem ilustrada de um enorme portão de ferro fechado com um cadeado, à guisa de porteira. Acima dele, um letreiro: “Rio de Janeiro”. Ao lado esquerdo do portão, um homem fortemente armado, com vestimenta semelhante à de um militar preparado para o enfrentamento, dirige seu olhar para o leitor. No primeiro comentário do *post*, Paiva diz: “Estado de guerra”. Em resposta imediata dos internautas, veem-se diversos comentários constituídos por *emojis* (figurinhas) de rostos com olhos arregalados, que expressam espanto.

A *multimodalidade* constitutiva dos textos (Kress, 2010) encontra, nesse exemplo, marcas flagrantes de sua funcionalidade: a imagem passível de reconhecimento pela *semelhança* que apresenta com elementos da realidade, de acordo com a maneira como a linguagem a expressa; a disposição dos elementos figurativos no espaço da charge, com o portão centralizado e o soldado a seu lado; a aparência desse soldado, sua vestimenta e os apetrechos que carrega, sua expressão corporal; “Rio de Janeiro”, nome de cidade/de estado, aparentemente escrito a giz em um suporte reconhecido como uma placa indicativa do espaço ali ocupado; o cadeado que sela o portão – são todos signos ainda em “estado literal”, aberto. Ainda no conjunto significativo, há os comentários do *post*: a expressão “Estado de guerra” postada pelo autor da charge e os outros “comentários” constituídos pelos *emojis* com semblante de espanto. De acordo com a Semiótica Social (Kress, 2010), os *modos* (signos, códigos, símbolos) são social e culturalmente configurados e *colaboram* nos textos: imagem, escrita, *layout* de página, fala, imagem em aparente movimento, gesto. Assim sendo, de muitos *modos* conjugados na textualização, o sentido vai sendo construído.

Confluindo dados externos à charge – portanto, oriundos do *contexto* – para a construção do sentido global do conjunto significativo, todos esses elementos passam a ser reinterpretados: o espaço trancado pelo portão e indicado pela placa (de forma aparentemente improvisada, por causa das letras escritas com giz) é o município do Rio de Janeiro, que, no dia dessa publicação, vivera momentos de terror por causa da investida policial contra traficantes, que resultou em perseguição na via mais movimentada da cidade (Linha Vermelha e Avenida Brasil), causando paralisação no trânsito e tremendo caos à população; o portão fechado com um cadeado torna-se metáfora da restrição para ir e vir; “Estado de guerra” é uma expressão nominal que iguala a situação da violência na cidade a uma guerra de fato; os *emojis* *representam* metonímica e metaforicamente a reação das pessoas diante do acontecimento comentado; sua vasta repetição intensifica a emoção representada. Após a consideração das circunstâncias em que se deu a troca comunicativa por meio da charge, o *sentido de discurso*, a *significação* pôde, então, ser alcançada: o horror da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Sem o conhecimento desses fatos, o sentido global da charge seria esvaziado.

Pauliukonis trabalha também com outro pressuposto, intimamente ligado ao *pressuposto discursivo* de que tratamos aqui: o duplo processo constitutivo da *semiotização do mundo*, nos moldes também da Semiologia, que denominaremos, por economia, de *pressuposto de duplo processo de semiotização*. Diz ela:

O ato interativo de linguagem por meio de textos pressupõe, segundo um enfoque semiológico (Charaudeau, 2005), um duplo processo de construção: o processo de transformação e o de transação, e ambos constituem o fenômeno de semiotização do mundo. No primeiro – processo de transformação – temos a passagem de um mundo a significar para um mundo significado, o que se faz por meio das seguintes categorias linguísticas: designação, determinação, atribuição, processualização, modalização e relação. No segundo – processo de transação –, o mundo significado torna-se objeto de troca linguística, entre os participantes do ato interativo, por meio de estratégias de construção textual, constituídas por sequências ou modos de organização do discurso (Pauliukonis, 2013, p. 248).

O ajuste desse pressuposto à noção de *referenciação*, tão bem explorado pela Linguística de Texto, é evidente. Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2003, p. 20) definem a *referenciação* como um processo resultante de “práticas simbólicas mais do que de uma ontologia dada”, imputáveis não a um sujeito cognitivo abstrato, mas “a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”. Em outras palavras, a ação de referir-se aos seres e às coisas por meio da linguagem estará invariavelmente relacionada aos sujeitos envolvidos em uma troca comunicativa e aos saberes que partilham. Na mesma direção, a respeito da interpretação de uma expressão nominal (cuja natureza é referencial), Ingedore Koch (2005, p. 35) afirma que “consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um ‘antecedente’) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva”, ou seja, a construção de sentido textual está atrelada ao entorno cognitivo à disposição dos parceiros de uma interação.

A *semiotização do mundo* – explica Pauliukonis (2013, p. 248) –, isto é, a *transformação* “de um mundo a significar para um mundo significado”, por meio de categorias linguísticas, depende da *transação* entre “os participantes do ato interativo”, por meio de estratégias de construção textual – por isso é considerado um processo duplo. Comprometida com o ensino, ela demonstra, em sua obra, como recursos linguísticos devem ser abordados *discursivamente* na escola, ou seja, em sua atuação no texto como meios de *comunicar ideias* em conformidade com o ambiente referencial em que se inserem.

É por causa dessa conformidade que a expressão “estado de guerra”, no *post* de Paiva, pode ser associada à violência de uma cidade, assim como a um portão com cadeado por ser ligado à restrição da liberdade imposta pelas ações policiais: o *sentido de língua* é, assim, transmutado em *sentido de discurso*, específico daquela troca comunicativa – inclusive, quanto aos julgamentos que expressa (no caso, negativos, se não terríveis, associados à violência disseminada na cidade).

Se a *designação* e a *atribuição* de propriedades se vinculam, em geral, à função de dar nomes e caracterizar – portanto, tendo os substantivos e as adjetivações como aliados principais (“estado de guerra”, por exemplo) – construindo *objetos de discurso* em função das restrições de uma troca comunicativa, podemos afirmar que, considerando-se a *multimodalidade*, também as figuras ilustradas e as configurações visuais, quando compõem um texto, podem ser analisadas como expressões do processo de referenciação, não por via da convencionalidade da língua, mas por via da motivação significativa, operada pela semelhança entre significante-imagem e significado-objeto-referido. A imagem, portanto, é potencialmente indicial e interpretativa, funcionando também como um *objeto discursivo* nos textos, já que reflete os saberes dos interagentes. No caso de textos constituídos por palavra e imagem em sua semiose de base, como são os contos ilustrados, as charges e os memes,

[n]o processo da *fazer saber* pela descrição/mostração, uma parcela semiótica se ancora na outra, ora sendo a palavra a fixar o sentido da imagem, ora sendo a imagem a fixar o sentido da palavra. A referenciação verbo-visual pode não só ampliar o universo da significação em função dessa ancoragem, como também ajustar a leitura do “círculo hermenêutico” próprio na leitura de contos ilustrados (...) (Feres, 2021, p. 1002)

O conjunto verbo-visual *indica* os elementos do mundo, assim como, em sua organização interna e em sua relação com o contexto, *deixa implícitos outros dados e o ponto de vista* do produtor do texto, em outra visada, essencialmente argumentativa, a de *fazer crer*.

A Semiótica Social corrobora a noção de *referenciação* explorada pela Linguística de Texto, ou da *semiotização*, proposta pela Semiolinguística, ao afirmar – em relação a qualquer tipo de signo – que o produtor de um texto é impulsionado por um interesse representacional e comunicativo, moldado pelos ambientes social, cultural, econômico, político e tecnológico em que são elaborados (Kress; Bezemer, 2009); isto é, os signos, sejam eles verbais, sejam imagéticos, sonoros, plásticos, estão em permanente estado de criação, pois são *realizados* nas interações, ainda que guardem certa estabilidade significativa em função de sua saliência em um grupo social.

Essa confluência conceitual entre referenciação, semiotização e “criação permanente de signos” parece permitir afirmar que o caráter discursivo atribuído ao texto por Pauliukonis pode se estender à análise de elementos não verbais como a imagem, a cor, o traço, a disposição no espaço da página, entre outros *modos* de significar.

Um terceiro pressuposto mencionado pela professora Aparecida diz respeito à *modalização discursiva*, que, diversamente dos postulados da Semiótica Social acerca dos *modos*, na Semiolinguística se refere aos *modos* – descritivo, narrativo, argumentativo e enunciativo – como se conforma a materialidade discursiva, cada qual propondo uma *visão* do mundo: *estática*, quando um *descriptor* reconstrói o mundo restringindo-se à enumeração de detalhes, à aspectualização de objetos, seres ou fenômenos localizados de acordo com um determinado espaço e em um certo momento; *dinâmica*, quando um *narrador* relata fatos e ações em uma sequenciação cronológica, envolvendo seres protagonistas e antagonistas, numa lógica de causa e efeito; *dialética*, quando um *argumentador* organiza uma proposição ou tese em função da qual assume uma posição ancorada em justificativas, provas ou argumentos e, por fim, pairando sobre esses três primeiros, quando o enunciador ocupa um papel no texto, situando-se em relação ao que diz (voltado para si, para o interlocutor, ou distanciando o que se diz de ambos). Comenta a linguista:

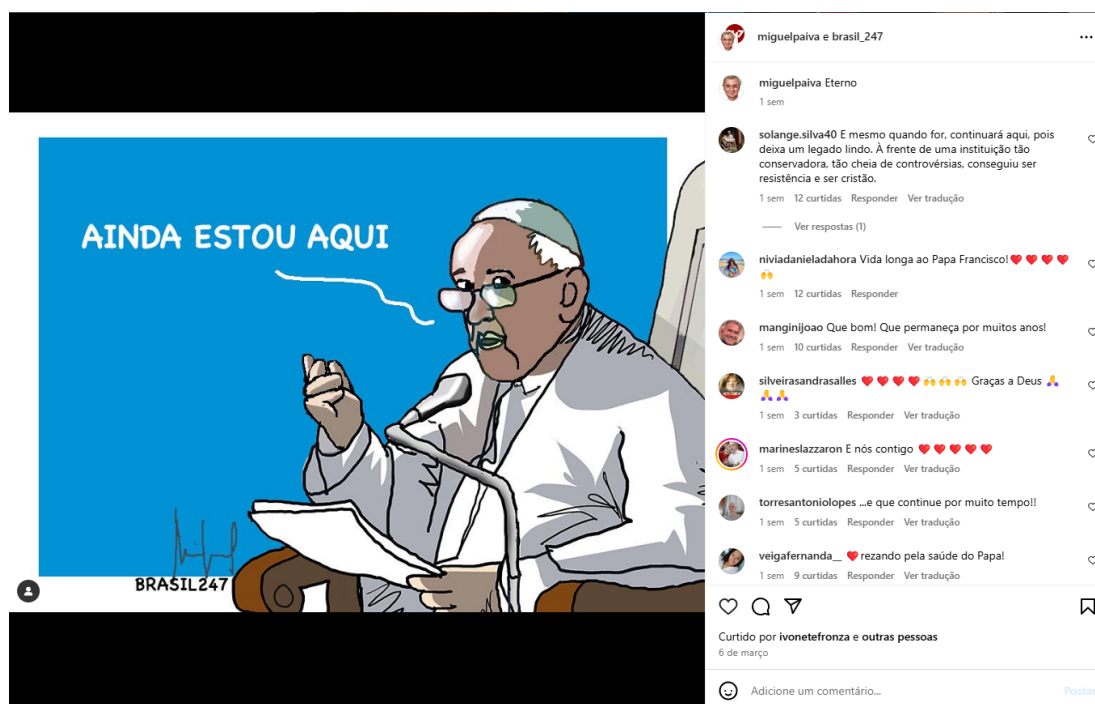
A preferência do Autor [Charaudeau] pela expressão *modo de organização* do discurso, em lugar do termo *tipo textual*, empregado por alguns teóricos da Linguística do Texto, como Marcuschi (2009), parece atender prioritariamente à necessidade de se destacar *o papel da pessoa do discurso* em todos os passos da escolha das categorias da língua e da organização do discurso, e mais ainda, à relação de dependência de tudo quanto acontece no *ato de comunicação* aos parceiros desse ato, que são os verdadeiros organizadores de cada “encenação” discursiva e representam aí seu papel (Pauliukonis, 2016, p. 113. Acréscimo nosso).

Em outras palavras, a Semiolinguística atribui aos parceiros de uma troca comunicativa a efetiva responsabilidade de *dar sentido* ao texto e, portanto, de reconhecer e realizar seu papel na “encenação” discursiva, ora como enunciador que descreve, narra ou argumenta, ora como interlocutor que apreende os sinais e (re)constrói o sentido.

Sabendo-se que os modos podem misturar-se nos textos – o que ocorre quase sempre –, o conhecimento de sua conformação prototípica é um coadjuvante na interpretação. No caso de charges e memes, quase sempre apresentando personagens e ações, em primeiro plano, identificam-se elementos do *modo narrativo* – visto que uma ação desenvolvida por personagens em um determinado no tempo lhe garante essa categorização.

Entretanto, as características apresentadas pelas personagens que as identificam como tal ligam-se ao *modo descritivo* (ainda que, numa imagem, essas características estejam apresentadas pela visualidade e exijam a perspicácia do interpretador para serem reconhecidas). Em outro plano, o comentário que pode vir na voz de uma personagem projeta, quase sempre, a opinião do produtor do texto e, então, evidencia-se a atuação do *modo argumentativo*. Observar as “pistas” oferecidas pelos textos em sua materialidade – linguística e/ou imagética – é um fator positivo para uma interpretação de bom termo.

Em 6 de março de 2025, quando duas notícias ocupavam a mídia brasileira – a premiação do Oscar, com o filme “Ainda estou aqui”, de Walter Salles, em 1º lugar como melhor filme internacional, e a internação do Papa Francisco, com graves problemas pulmonares –, Miguel Paiva publicava outro *post* com essa charge (FIGURA 2): em primeiro plano, a imagem ilustrada do Papa Francisco, olhando diretamente “nos olhos” do interlocutor, com um punho fechado e papéis na outra mão; de forma assertiva (de acordo com sua expressão fisionômica e corporal), ele diz: “Ainda estou aqui”. O fundo azul-celeste faz as letras brancas que registram sua fala serem evidenciadas. Nos comentários à direita, Miguel Paiva afirma: “Eterno”. Nos demais comentários, vários votos de plena recuperação aparecem ao lado de figurinhas de corações vermelhos e de mãos postas (como em oração). Para cumprir nosso objetivo, nos ateremos à publicação de Miguel Paiva, composta pela charge e pelo comentário que estimula os demais.



**Fig. 2.** “Eterno”

**Fonte:** Perfil do cartunista Miguel Paiva no Instagram (Disponível em <https://www.instagram.com/p/DG3ojf-JRvW/> Acesso em 17 mar 2025)



A referenciação verbo-visual constrói o *objeto de discurso* Papa Francisco por meio da ilustração, bastante assemelhada à sua figura humana, com sua usual vestimenta branca e o solidéu, qualificado verbalmente: “eterno”. O fundo azul e as letras brancas aludem ao mundo celestial de Deus, à paz. A fala “Ainda estou aqui”, que aciona a intertextualidade com o filme sobre o desaparecimento do deputado federal Rubens Paiva na ditadura militar no Brasil, faz deslizar a resistência à violência da família Paiva para o Papa, igualmente vítima de opressão operada pela extrema direita ainda nos dias atuais. O comentário de Miguel Paiva, portanto, além de descritivo, é opinativo, funcionando como argumento acerca do estado de saúde do Papa e da repercussão dessa notícia, que causou, por um lado, forte desejo de restabelecimento e, por outro, intenso desejo de morte imediata do pontífice, em um claro exemplo de discurso de ódio. Mais uma vez, como é possível constatar, o *sentido de discurso* desse conjunto significativo só poderá ser alcançado se considerados os conhecimentos advindos do contexto, que preenchem as lacunas interpretativas, e a dimensão argumentativa característica das charges.

Sobre o *contrato comunicativo* do gênero charge, destaca-se que perpassa a materialidade textual basicamente narrativa o ponto de vista do autor, sujeito comunicante, investido de seu papel como enunciador-narrador que faz um relato justamente com o intuito de revelar sua opinião a respeito de um tema. No primeiro caso tratado neste trabalho, a referenciação (pela imagem do portão e do militar; “Rio de Janeiro” escrito na placa) indica o tema do enfrentamento da violência na cidade do Rio de Janeiro, enquanto a metáfora visual (cidade “encarcerada”) e o comentário “Estado de guerra” expressam a opinião do chargista diante do acontecimento recente. No segundo caso, a referenciação (pela imagem do Papa e pela fala-título do filme) indica o tema do adoecimento do pontífice e sua resistência física), enquanto o comentário “eterno” mostra o engajamento do cartunista à figura de Francisco e à sua resistência (agora política), além de posicioná-lo contra o discurso de ódio que apregoa sua morte. Francisco, protagonista da charge, deixa transparecer a projeção do sujeito comunicante que afirma “Ainda estou aqui” a fim de corroborar a resistência daqueles que, como o Papa, defendem uma sociedade mais inclusiva e ética. Por meio da figura de Francisco, fala Miguel Paiva contra a violenta opressão política que ainda quer ter voz como o fez durante a ditadura brasileira.

Os pressupostos selecionados da obra de Pauliukonis – *discursivo*, do *duplo processo de semiotização* e de *modalização discursiva* – amparam estratégias de leitura com vistas à mediação leitora que se mostram potencialmente produtivas, pois alinham a materialidade do texto, sua organização e o entorno contextual com vistas à significação:

...a falta de clareza na definição dos conteúdos e métodos para os estudos de interpretação de texto: o aluno tem uma ideia vaga de que a interpretação é intuitiva, vale tudo que puder associar, ou então que deverá submeter-se à experiência do professor que, sendo leitor mais experiente, é capaz de resolver os intrincados problemas de interpretação ou da produção textual (Pauliukonis, 2017, p. 21).

Como pretendemos demonstrar neste artigo, ampliando as noções propostas pela professora Aparecida, mesmo nas semioses verbo-visuais, ainda mais carentes de métodos de leitura, os *pressupostos discursivos* que podem embasar uma pedagogia de leitura consistente e produtiva são os mesmos que sustentam a leitura de textos escritos, pois estão subjacentes a todo tipo de semiose. Estando a materialidade textual a serviço da comunicação, seu vínculo com a situação e com os saberes partilhados pelos interagentes das trocas sempre conduzirá a finalização do sentido textual, ainda que a via de acesso aos sentidos seja variada (palavra, imagem, cor, corporalidade etc.).

## Do texto à construção dos sentidos na perspectiva de Pauliukonis

Como se tentou mostrar neste artigo, a contribuição da obra de Aparecida Lino Pauliukonis incide tanto no alargamento de pressupostos teóricos que, em função da convergência entre texto e discurso, aproximam a Linguística de Texto à Análise Semiolinguística, quanto na fundamentação de estratégias de construção de sentido textual que podem ser levadas à mediação leitora na escola básica.

Associando-se as noções de *texto*, *contexto*, *discurso*, *semiotização* e *modalização*, colhidas nas pesquisas da autora, é possível elencar recursos discursivos que permitem transpor o limite do sentido aberto dos signos até o sentido específico, discursivo, finalizado pela relação entre o material significativo e o contexto (situacional e histórico-cultural) e, com isso, subsidiar a condução da interpretação de textos, pois a perspectiva discursiva assumida pela linguista dota de consistência a análise textual, salientando-se a necessidade de atentar para o vínculo entre as “pistas” textuais e os dados externos ao texto – no contexto – a fim de que sejam realizadas inferências e, com isso, se alcance a *significação*.

Além disso, tomando como parâmetros os conceitos selecionados para a nossa proposta, é possível problematizar o processo de *referenciação* trabalhado inicialmente pela LT, conciliando-o ao de *semiotização do mundo*, postulado pela TSAD, já que ambas perspectivas consideram essenciais a relação intersubjetiva estabelecida em um contrato comunicativo e a imersão em um contexto histórico-cultural comum para os interagentes.

É por causa do *pressuposto discursivo* no tratamento da textualização que se torna consciente a construção de sentidos e, atrelada a ela, torna-se viável a análise de uma *referenciação* que ocorre também por meio de signos não verbais, igualmente afetados pelo discurso.

Essa ampliação da análise do processo de referenciação para modelos textuais de base verbo-visual também possibilita pensar na *multimodalidade*, postulada pela Semiótica Social de Kress (2010), como constitutiva dos textos e, no caso de gêneros de natureza multissemiótica como são as charges, torna-se viável considerar estratégias de leitura que tomem a imagem, a expressão corporal, a vestimenta (entre outros *modos* de significar) em seu aspecto simbólico, imbuído de qualidades e julgamentos coletivamente referendados. Desse modo, a interpretação ganha ferramentas mais eficazes para o tratamento da construção de sentidos.

Nas charges de Miguel Paiva analisadas, imagens estereotipadas (como a do militar, na primeira delas), ou estritamente indiciais (como a do Papa Francisco) se unem a expressões visuais metafóricas (portão trancado com cadeado, por exemplo) e metáforas linguísticas ligadas tanto a um intertexto (filme “Ainda estou aqui”) quanto a dados externos (a superação da doença do Papa). Todos esses elementos, “pistas” textuais, ganham sentido apenas e necessariamente na relação entre *texto* e *contexto*, especialmente considerada no *contrato comunicativo* a ser obedecido na produção e na leitura de charges: há um enunciador-narrador (implícito), que dá voz ao cartunista, que se lança na aventura de comunicar uma opinião ao leitor; este, por sua vez, considera que a função social da charge é veicular um ponto de vista acerca de um tema atual, fazendo com que restrinja as expectativas de sentido possíveis a esse contrato. Com todos esses aspectos reunidos, percebe-se o funcionamento da *referenciação*, como entrada (e possível retomada) de *objetos de discurso*, ganhando, com a *multimodalidade*, inúmeras nuances de sentido, sempre tendo em mente que a materialidade significativa está a serviço de conteúdos intencionalmente programados na textualização e passíveis de “desvelamento” por parte do leitor.

Na esteira de Pauliukonis, portanto, como se considera que as habilidades interpretativas não são meramente intuitivas, toma-se, nesta problematização acerca da leitura, a postura investigativa da linguista. Alia-se, então, a construção de sentido textual ao discurso por meio da observação dos elementos da materialidade do texto e do entorno referencial, a fim de embasar uma metodologia reflexiva direcionada à formação do usuário da língua portuguesa e dos gêneros discursivos.

Desse modo, acredita-se que, estimulando uma prática pedagógica consciente em relação ao ensino de leitura, possibilita-se o desenvolvimento da competência languageira do alunado e, por desdobramento, sua inserção social cidadã. Pauliukonis registra sua contribuição nos estudos linguísticos, ao dar enfoque ao processo de textualização, à construção dos sentidos e, assim, marca nossas leituras e reflexões, mudando nossa perspectiva e prática de ensino. O universo textual-discursivo brasileiro expressa sua gratidão à Aparecida Pauliukonis.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AZEREDO, J. C. de. *A linguística, o texto e o ensino da língua*. São Paulo: Parábola, 2018.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood/New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes, 2022.
- CHARAUDEAU, P. *Compreensão e interpretação: interrogações em torno de dois modos de apreensão do sentido nas ciências da linguagem*. Rio de Janeiro: Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ciadrj.letras.ufrj.br/2019/11/21/novo-artigo-de-patrick-charaudeau-traduzido>. 2019. Acesso em 09 abr. 2025.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COELHO, F. A. C. Linguística Textual: questões para pesquisa e ensino. In: ESTEVES, P. M. da S.; DELA-SILVA, S. (org.). *Teorias do texto, do discurso e da tradução*. Niterói: Eduff, 2023. p. 55-92
- DASCAL, M. *Interpretação e compreensão*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- FERES, B. dos S. Análise do discurso amoroso em contos ilustrados: uma contribuição para a sociologia das emergências. *Gragoatá*, Niterói, v. 26, n. 56, p. 985-1017, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.48923>. Acesso em: 24 de mar. 2025.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- KRESS, G. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London/New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; BEZEMER, J. Escribir en un mundo de representación multimodal. In: KALMAN & STREET (coord.) *Lectura, escritura e matemáticas*. México DF: Siglo XXI, 2009. p. 64-83
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52
- PAULIUKONIS, M. A. L. Estratégias argumentativas no discurso publicitário. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W. dos. *Estratégias de leitura: texto e ensino* (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PAULIUKONIS, M. A. L. Texto e contexto. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 239-258.

PAULIUKONIS, M. A. L. Texto e discurso: processos de semiotização do real. *Diadorim: Especial*, Rio de Janeiro, p. 105-115, 2016.

PAULIUKONIS, M. A. L. Linguagem e discurso: propostas para o ensino de gramática e de texto. *Revista Interfaces*, v. 2, n. 27, p. 13-24, 2017.

PAULIUKONIS, A. L. *et al.* A enunciação enunciada: reflexões sobre o diálogo entre Linguística do Texto e Semiologia do Discurso. *Revista (Con)Textos Linguísticos - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise*, v. 13 n. 25, p. 135-158, 2019.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez, 1996.